Aquilino, mestre das letras e da cidadania

27-Sep-2007

Os beirÃµes, os tenazes e insubmissos beirÃµes, foram pintados por Aquilino Ribeiro com expressionistas pinceladas em "O Homem que Matou o Diabo", "O Malhadinhas", "Terras do Demo", "Jardim das Tormentas" e "Andam Faunos pelos Bosques", e com vigorosos traÃ§os neo-realistas em "Quando os Lobos Uivam", que foi proibido e valeu um processo ao seu autor por pÃ´r em causa a polÃ-tica salazarista de florestaÃ§Ã£o forÃ§ada dos baldios ("A serra Ã© dos serranos desde que o mundo Ã© mundo, herdada de pais para filhos. Quem vier para no-la tirar, connosco se hÃ¡-de haver!").

No prefÃ¡cio a "Terras do Demo" Aquilino, rechaÃ§ando crÃ-ticas Ã "literatura regionalista" assume-se modestamente "mais cronista do que carpinteiro de romance". "(...) o meu lexicon Ã© o deles; as minhas vozes ouvi-lhas". "A aldeia serrana, como aquela em que fui nado e baptizado e me criei sÃ£o e escorreito, Ã© assim mesmo: barulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituem o empedrado da comuna antiga. Ainda ali hÃ¡ AbraÃ£o e os santos vÃªm Ã fala com os zagais nos silenciosos montes; ali roda o velho carro visigÃ³tico nos caminhos romanos, mais velhos do que eles. Ã‰ pagÃ£, e crÃª em sua religiosidade toda exterior adorar o Deus de S. TomÃ¡s. Conta pelo calendÃ¡rio gregoriano estes terrÃ-veis dias de peste, fome e guerra, e estÃ¡ imersa nos nebulosos tempos do rei Vamba".

Para se compreender verdadeiramente a obra de Aquilino necessÃ¡rio se torna embrenharmo-nos no cenÃ¡rio natural e antropolÃ³gico que o inspirou. Sentir o cheiro da caruma, a sombra dos castanheiros e o grasnar da gralha para viver plenamente as pÃ¡ginas carregadas de lÃºcido bucolismo. Respirar a liberdade bravia dos seus modelos serranos para perceber o telurismo e a rebeldia do Mestre. NÃ£o sÃ³ a rebeldia do jovem revolucionÃ¡rio que combateu a monarquia de pistola na mÃ£o, e a coragem do conspirador contra a ditadura salazarista (tendo pago a sua insubmissÃ£o com a prisÃ£o, o exÃ-lio e a censura), como a do intelectual refractÃ¡rio a escolas e correntes literÃ¡rias, apesar de estribado numa sÃ³lida erudiÃ§Ã£o e cultura clÃ¡ssica que lhe permitiu absorver influÃªncias vÃ¡rias (desde logo a influÃªncia da vivacidade lexical do povo, estigmatizada de curiosidade "regionalista") e recriar (ou libertar!) a lÃ-ngua portuguesa com a rara originalidade dos gÃ©nios.

Aquilino Ribeiro soube ser culto para ser livre. Dividiu a sua vida entre a leitura apaixonada dos clÃ¡ssicos e a luta pela liberdade e a igualdade. Uma vida acossada: trÃªs vezes foi preso por motivos polÃ-ticos e outras tantas se evadiu da cadeia e por duas vezes fugiu para o exÃ-lio em FranÃ§a, na Alemanha e na Galiza. Pelo meio viveu. E amou a vida. Amou as Ã¡rvores, os bichos e as gentes que conheceu e que o moldaram como ser humano e como artista. Aquilino dizia que "o beirÃ£o converte a pedra em terra" - ele converteu a rudeza da linguagem e das personagens do povo no hÃºmus da mais telÃºrica prosa portuguesa, ombreando com Torga. E, tal como o autor de "Novos Contos da Montanha", ao se debruÃ§ar sobre a riqueza da nossa terra e das nossas gentes, conseguiu universalizar a literatura portuguesa.

Aquilino Ribeiro podia e merecia ter recebido o prÃ©mio Nobel da Literatura, cuja candidatura muitos intelectuais em Portugal e no estrangeiro se esforÃ§aram por promover, trÃªs anos antes da sua morte. Logo que esta foi noticiada, em 27 de Maio de 1963, a Censura proibiu os jornais de fazerem qualquer referÃªncia Ã s homenagens que por todo o paÃ-s lhe foram prestadas. Lamentavelmente, parece que o anÃ¡tema salazarista ainda nÃ£o foi revogado, mais de trinta anos passados sobre o 25 de Abril. Aquilino continua um escritor maldito, desconhecido da maioria dos portugueses.

A trasladaÃ§Ã£o dos restos mortais do mestre para o PanteÃ£o Nacional, resoluÃ§Ã£o da Assembleia da RepÃºblica, aprovada, por unanimidade, em 20 de MarÃ§o de 2007, Ã© um significativo sinal de serÃ´dio reconhecimento. Aquilino ficarÃ¡ bem acompanhado ao lado de JoÃ£o de Deus, de Almeida Garrett e de Guerra Junqueiro. JÃ¡ quanto Ã companhia de Ã“scar Carmona, talvez que nem a de Humberto Delgado (de quem foi apoiante activo durante a campanha presidencial do "General Sem Medo") impeÃ§a o mestre de se revirar no tÃºmulo.

Mais importante, contudo, para honrar a memÃ³ria de Aquilino Ribeiro seria a sua trasladaÃ§Ã£o para os currÃ-culos escolares. Como Ã© possÃ-vel que um dos mais criativos e originais escritores de toda a histÃ³ria da literatura portuguesa, e um dos mais importantes do sÃ©culo XX, se nÃ£o mesmo o maior, nÃ£o seja estudado nas nossas escolas?

Quanto Ã petiÃ§Ã£o que meia dÃºzia de monÃ¡rquicos em vias de extinÃ§Ã£o pÃ´s a correr contra as honras de panteÃ£o nacional a um "terrorista", preso por ajudar os "bombistas regicidas", sÃ£o tiros de pÃ³lvora seca que sÃ³ poderÃ£o fazer cÃ³cegas Ã alma granÃ-tica de um vulto com a envergadura moral do universal Aquilino.

Â

Â

Â

Â

Â

Â

Â

Carlos Vieira